



ANTÔNIO COTA

□ Os índios Maxacalis foram alvo de denúncias da prefeitura de Bertópolis e de fazendeiros, que os acusam de roubo de gado e depredação de lavouras no Vale do Mucuri

Funai defende Maxacalis de acusações

GOVERNADOR VALADARES — O delegado regional da Fundação Nacional do Índio (Funai), em Governador Valadares, Wilton Madson Andrada, informou ontem que as denúncias feitas pelo prefeito de Bertópolis, Marcolino Alves Jardim, não são verdadeiras.

Na última semana, o prefeito esteve com o governador Eduardo Azeredo pedindo ajuda para os problemas causados pelos 780 índios da aldeia Maxacali, que, segundo ele, além de passar fome e conviver com a desnutrição, roubam e abatem cabeças de gado pertencentes a fazendeiros da região. Andrada garante que possui documentos comprovando a assistência da

Funai aos índios.

Bertópolis está localizada a 664 quilômetros de Belo Horizonte, possui 10.580 habitantes e economia voltada para a agricultura. Segundo a Funai, o município, assim como Água Boa e Pradinho, possui reservas indígenas demarcadas através da Portaria 317, do Ministério da Justiça, de 17 de agosto de 1993. "Os índios são nômades e estão acostumados a ir e vir com liberdade. Para visitarem um parente ou amigo em outra aldeia, cortam caminho pelas fazendas, por entenderem que estão em suas terras", justificou Andrada.

O delegado também atribuiu as peregrinações indígenas ao mal costume implantado pelo próprio município. Segundo ele, após o surto de cólera ocorrido na região, em 1993, as lideranças dos municípios que encontravam índios nas ruas da cidade os devolviam para as aldeias, em carros,

mas isto deixou de ser feito. "O fato se transformou em um ciclo vicioso. Os maxacalis saíam das aldeias, sabendo que teriam facilidade para voltar. Agora, ficam dias nas ruas, até que decidem por conta própria, pegar o caminho de volta para a aldeia", alegou.

Quanto às denúncias de abandono e fome, Andrada exibe reportagens feitas pela imprensa local e do próprio HOJE, acompanhando a distribuição de 200 toneladas de alimentos, entre arroz, macarrão e fubá, em aldeias de Minas Gerais e Espírito Santo e das visitas de agentes de saúde. "Eles também recebem sementes regularmente. Somente a aldeia Maxacali recebe, mensalmente, 6 mil quilos de alimentos. O alimento é distribuído de forma racionalizada para evitar seu desvio, mas a quantia enviada é suficiente para três refeições diárias, durante um mês", garante.

Aldeia terá 6 mil quilos de alimentos

GOVERNADOR VALADARES — Segundo Andrada, em oito dias a aldeia receberá mais 6 mil quilos de alimentos. Quanto ao abate de gado, o advogado da Funai, Humberto Gomes Serafim, admite que seus "clientes", de alguma forma, "já tiveram culpa no cartório", mas enfatiza que a manutenção de gado não ocorre há muito tempo. "Depois que começaram a receber alimentos em maior quantidade, as denúncias acabaram", salienta, denunciando a possibilidade de

os roubos e abates estarem sendo praticados por outras pessoas.

Outro exemplo citado pelo advogado é de receptação. No final do ano passado, ele conseguiu a condenação de um homem a dois anos e seis meses, por receptação. A pena é cumprida em liberdade. Ele induzia os índios maxacalis a roubar e abater o gado em troca de grandes quantidades de cachaça. "Hoje em dia, os índios não fazem mais isso", garante.

Segundo o prefeito Marcolino Jardim, atualmente o setor agrícola do município não produz 10% de seu potencial e isto se deve à falta de incentivos oficiais e também à invasão de índios nas roças. "Para não passar fome, os índios roubam o gado ou arrancam as plantações antes da época", sustenta, reafirmando que os Maxacalis buscam a sobrevivência em municípios como Teófilo Otoni e Almenara. "Não produzem nada nos 4 mil hectares a que têm direito", completou.